

3. A experiência de multiplicidade

“Seja como for, todas as “realidades” e as “fantasias” só podem tomar forma através da escrita, na qual exterioridade e interioridade, mundo e ego, experiência e fantasia aparecem compostos pela mesma matéria verbal; as visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas; de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.” (Ítalo Calvino)

A pesquisa apresentada no capítulo anterior trouxe muitos resultados que não puderam ser devidamente interpretados ou explorados na ocasião em que foi levada a cabo. Como ressaltei anteriormente, meu maior interesse então era o de encontrar algumas pistas sobre a organização subjetiva na atualidade.

Quanto me refiro a essa organização subjetiva atual, creio ser importante fazer algumas ressalvas. A primeira é a de que é impossível tratarmos da subjetividade como algo único e não plural. Para começar, por mais globalizado que o mundo tenha se tornado nas últimas décadas, existem inúmeras culturas, línguas e costumes. Essa diversidade cultural, conseqüentemente, gera diferentes tipos de organização subjetiva.

Ainda que nos limitemos ao Brasil, sabemos que podemos fazer poucas comparações entre o que pensam, o que sentem e como vivem, por exemplo, as mulheres “balzaquianas” da Zona Sul do Rio de Janeiro e aquelas que, com trinta anos, já são avós no sertão nordestino. Arrisco-me a dizer que, provavelmente, aquelas da Zona Sul são muito mais parecidas com as mulheres retratadas em *Sex and the City*, extinto seriado americano que ficou famoso ao mostrar o cotidiano de quatro bem-sucedidas balzaquianas, do que com as nordestinas citadas.

Em “Observando o familiar”, Velho (1981) relata que algumas vezes já se sentiu mais próximo de antropólogos estrangeiros em congressos internacionais do que de muitas pessoas que lhe são extremamente familiares no seu dia-a-dia, como o feirante ou o jornaleiro da esquina.

Dessa forma, parece-me inapropriado pensar na subjetividade contemporânea como se ela fosse uma só. Como disse, mesmo dentro de nosso país, estando unidos pela mesma língua, constatamos a existência de uma pluralidade de modos de viver, de pensar, de falar, de estabelecer e manter relacionamentos, etc. Todos esses diferentes modos resultam em diferentes organizações subjetivas.

Se, então, não quero tratar da subjetividade humana enquanto única, a qual subjetividade refiro-me quando digo que pretendo estudar “uma nova organização subjetiva”? No Brasil, refiro-me à subjetividade de pessoas geralmente jovens, de classes médias e altas, tenham elas um perfil tecnológico parecido ou não com os sujeitos de minha pesquisa. Isso porque, ainda que essas pessoas possam não ser usuários intensivos da Internet, elas estão imersas na lógica do chamado “mundo globalizado”. Dou um exemplo: desde a faculdade, esses jovens são preparados para enfrentar um mercado de trabalho que não mais os absorverá com garantias de estabilidade. Eles estarão preparados para assinar contratos de curto prazo (um ou dois anos), receber salários relativamente altos e exercer funções de grande responsabilidade, antes delegadas a funcionários mais experientes (i.e., mais velhos)²⁷.

Esses sujeitos aos quais me refiro podem ter, sob certo ponto de vista, mais semelhanças no modo de viver com jovens americanos de classe média do que com o porteiro que trabalha em seu edifício.

É justamente por ter consciência dessa pluralidade subjetiva que levei a cabo uma pesquisa de campo. As pesquisas de campo nos permitem sair de um nível de abstração que pode ser muito perigoso quando o assunto é subjetividade. Como diz Gonçalves (2004), com uma boa dose humor:

“... não podemos confundir dois elementos heterogêneos, ainda que relacionados: os conceitos de sujeito propostos pela filosofia e pela cultura em geral e a subjetividade concreta dos homens e mulheres concretos que viviam uma vida cotidiana distante dos devaneios filosóficos. Uma coisa é o conceito de sujeito tal como elaborado por Kant; outra diferente é a subjetividade concreta do, por exemplo, vizinho do Sr. Kant.” (Gonçalves, 2004, p. 54)

Acredito que a pesquisa sirva, entre outras coisas, para podermos estabelecer as relações entre esses abstratos conceitos propostos pela filosofia, pela sociologia ou pela psicologia e o que Gonçalves chamou de “subjetividade concreta” dos homens e mulheres dos dias de hoje.

Após essa introdução, creio ser possível passar ao tema da multiplicidade.

²⁷ Para um estudo mais detalhado das consequências subjetivas das novas relações de trabalho, ver Sennett (1999).

3.1. Sinais da multiplicidade

Já tive oportunidade de começar a abordar o tema da multiplicidade no capítulo anterior, relativo à pesquisa que realizei. O que me interessa, no momento, é aprofundar-me neste tema a partir da minha pesquisa de campo e da literatura para, quem sabe, encontrar pistas sobre a subjetividade atual.

Sobre a multiplicidade, acredito que a primeira pergunta que deve ser feita é se ela aparece e como aparece na minha pesquisa de campo. Em relação a isso, o resultado da pesquisa que realizei que mais chama a atenção é o uso que os sujeitos fazem dos seus *nicks*. Alguns sujeitos, como foi dito no capítulo anterior, criam muitos *nicks* na Internet e, através de cada um deles, apresentam-se com características (físicas e psicológicas) diferentes.

Sr. Mistério, por exemplo, diz que seus *nicks* são como personagens que um escritor cria para escrever seu livro. Se Sr. Mistério está correto, então essa profusão de *nicks* nada mais seria do que uma série de personagens de ficção. E, como escritores de ficção existem há muitos séculos, seria no mínimo estranho apresentar a multiplicidade subjetiva como algo novo em relação à subjetividade.

A diferença, entretanto, da qual Sr. Mistério parece não ter se dado conta é a de que um escritor convencional, quando cria, não está interagindo com ninguém. Após seu livro ser publicado, o leitor interagirá com o livro, mas, novamente, não com o escritor. Se Sr. Mistério é um escritor, não é convencional. Ele encarna seus personagens na Internet e, a partir das interações de seus personagens com outros usuários, aprende novas formas de agir que incorpora em sua vida fora da Internet.

Essa diferença entre o escritor convencional e o comportamento de Sr. Mistério na Rede parece-me fundamental para começar a pensar na multiplicidade nos dias de hoje. Isso porque ter muitos papéis na vida, ou seja, ter que ser portar de forma diferente quando se está no trabalho, quando se conversa com um filho, quando se sai com os amigos, etc, é algo que existe há muito tempo. Acredito, entretanto, que o que parece novo neste momento é uma multiplicidade que extrapola esses papéis e passa a dar ao sujeito a sensação de que ele pode ser muitos. Na pesquisa, essa sensação pode ser detectada mesmo naqueles sujeitos que, ao contrário de Sr. Mistério e outros, não utilizam *nicks* em profusão ou sequer criam personagens na Rede, como é o caso de Margot e de Quinhodantas.

Quando nos lembramos dos depoimentos desses sujeitos, percebemos que, apesar de eles não fazerem usos de vários *nicks*, ambos explicitamente dizem que se sentem diferentes (subjettivamente diferentes?) quando estão na Rede e quando estão fora dela. Isso pode sugerir uma multiplicidade nova, já que há uma aparente quebra de continuidade no sentimento de ser único dessas pessoas. Não quero dizer, com essa afirmação, que esses sujeitos sintam-se fragmentados ou algo do gênero. Tampouco afirmo, por isso, que tais sujeitos possuem múltiplos eus, como afirma Turkle (1997) em sua pesquisa com usuários de jogos interativos na Rede. Mais tarde no presente capítulo, justificarei minha posição em relação a isso. O que considero importante, no entanto, é atentar para o fato de que o sujeito pode ter uma experiência de multiplicidade. Sr. Mistério, por exemplo, quando incorporava seus personagens na Rede, provavelmente experimentava a sensação de que poderia agir e se portar perante seus conhecidos virtuais de formas inteiramente novas para ele mesmo. De certa forma, essa experiência que Sr. Mistério e outros usuários de *chat* têm pode ser comparada a uma certa expansão subjetiva, ou seja, o sujeito pode ter a sensação de que pode fazer mais coisas, agir de mais formas do que age fora da Rede.

Leitão (2003), em sua tese de doutorado, realizou uma extensa pesquisa com profissionais de psicologia que atuavam na área clínica. Seu objetivo era saber como a Internet estava entrando nos consultórios e quais as conseqüências dessa entrada para a prática clínica. Em um dos muitos depoimentos que a autora apresenta em sua tese, uma gestalt-terapeuta dá suas impressões sobre o impacto da Internet sobre seus pacientes. Ela diz que:

“As pessoas parecem usar a Internet para se expandir. A velocidade das conquistas é muito grande. Tem uma expansão do mundo e o sujeito sente que também tem uma expansão imensa. Ele tem muito mais pernas, mais braços, mais olhos em função dessas conquistas. Eu acho que isso modifica a imagem que o homem tem de si.” (Leitão, 2003, p. 107)

Não tenho elementos suficientes para dizer o que a entrevistada de Leitão quis dizer sobre expansão subjetiva. Acredito, porém, que essa expressão é bastante feliz e que pode nos ajudar a pensar na multiplicidade de que estamos tratando neste capítulo.

Para pensar melhor essa questão, trago agora uma história relatada por Stone (1995). Stone é uma socióloga americana que trabalha na Universidade do Texas, em Austin. Em seu livro **The War of desire and Technology at the Close of the Mechanical Age**, Stone traz, em um texto pouco convencional do

ponto de vista acadêmico, uma coleção de histórias e reflexões representativas do que ela chamou de “fim da era mecânica”.

Um dos casos que Stone conta e que é interessante de ser relatado aqui é o do psiquiatra Stanford Lewin, no capítulo sugestivamente intitulado “In Novel Conditions: the cross-dressing psychiatrist” (“Em Novas Situações: o psiquiatra travestido”, minha tradução). A história vivida por Lewin, como discutirei abaixo, possui muitas semelhanças com os relatos dos meus entrevistados em relação a esse sentimento de ser diferente dentro e fora da Internet. O relato é extenso, mas vale a pena.

Lewin era um jovem psiquiatra que se aventurava pela primeira vez no mundo da Internet, quando esta apenas começava nos EUA. Ele resolveu entrar pela primeira vez numa sala de bate-papo e adotou um *nick* que aludia à sua profissão: “Doctor” (doutor). A respeito desse *nick*, lembro que, em inglês, “doctor” é uma palavra neutra, podendo referir-se tanto a um doutor quanto a uma doutora, fato para o qual, segundo Stone, Lewin não atentou. Após entrar na sala de bate-papo e conversar um pouco com algumas pessoas, Lewin foi chamado por uma mulher para conversar privadamente, ou seja, sem a presença de outras pessoas. Lewin aceitou, pôs-se a escutar a mulher e, após um tempo de conversa, deu-se conta de que ela havia presumido que ele também era uma mulher. O que mais o espantou, entretanto, não foi a explicável confusão que sua parceira de *chat* fez, mas, sim, o conteúdo do que ela lhe dizia. Ao assumir que Lewin era uma psiquiatra mulher, ela lhe revelou uma série de sentimentos que ele nunca tinha ouvido de uma mulher. Lewin chegou, então, à conclusão de que uma mulher teria mais facilidade de falar de sua intimidade com outra mulher do que com um homem.

Ao chegar a essa conclusão, movido de uma vontade de ajudar mais mulheres na Rede, Lewin resolveu assumir que era uma doutora nas salas de bate-papo. Criou um outro *nick* (Julie Graham) e, com ele, a história de uma neuropsicóloga que havia sofrido um acidente de carro que a teria deixado paraplégica, muda e desfigurada. Com esses atributos, Julie convenientemente seria alguém com muita atividade *online*, mas que não estaria disposta a se encontrar com pessoas *offline*.

Por meio de Julie, Lewin formou uma grande rede de amizades *online*. Com o tempo, muitos a procuravam para relatar seus problemas e ela foi ganhando a estima de cada vez mais pessoas na Rede. Essa resposta, entretanto, era surpreendente para Lewin. Como diz Stone:

“Aparentemente, ele [Lewin] nunca esperou que a personificação fosse tão bem-sucedida. Ele pensou que faria alguns contatos on-line, e talvez oferecesse conselhos úteis para algumas mulheres. Ao invés disso, o que aconteceu foi que ele se viu profundamente engajado em desenvolver toda uma nova parte de si que ele nunca soube que existia. Suas respostas há muito tempo tinham deixado de ser mascaradas; com a ajuda do funcionamento on-line e um certo número de textos protéticos, ele estava no processo de se tornar Julie. (...) Não que ele estivesse perdendo sua própria identidade, mas, certamente, ele estava desenvolvendo uma paralela, uma identidade de poder considerável.” (Stone, 1995, p. 75-6)²⁸

Esse processo que Stone chamou de “se tornar Julie”, começou a incomodar Lewin. Além disso, por conta de pequenos deslizes na história que ele foi criando, as pessoas já não mais se satisfaziam com a recusa de Julie de se encontrar presencialmente com algum amigo virtual. Lewin decidiu, então, que era hora de “matar” Julie. Ele resolveu mandá-la para um hospital, em gravíssimo estado de saúde. Quem passou a se comunicar com os amigos de Julie era John, outro personagem que ele criou ao longo do tempo e que era marido de Julie.

Novamente seus planos o surpreenderam. A quantidade de *emails* emocionados com o estado de saúde de Julie, o sofrimento das pessoas na expectativa de sua morte, aliado a grandes manifestações de carinho e solidariedade para com John, fizeram Lewin desistir de sua empreitada.

Mantendo Julie viva, ele teve outra idéia. Resolveu que Julie apresentaria a seus conhecidos virtuais um velho amigo: o psiquiatra Stanford Lewin. Assim, tendo sido apresentado com todas as recomendações possíveis, Lewin começou a tentar ser amigo dos amigos de Julie. Mais uma surpresa: ele não conseguia ser como Julie. Enquanto Julie era expansiva, atéia, charmosa, Lewin era tímido, judeu praticante e reservado. “O que você faz quando seu colega imaginário faz amizades melhor do que você?” (Stone, 1995, p. 77)²⁹, pergunta Stone.

Frente à impossibilidade de tomar o lugar de Julie, Lewin começou a dizer, para os poucos amigos dela com quem conseguiu estabelecer relações mais sólidas, que na verdade Julie era uma farsa. Passaram-se alguns meses até que essa informação fosse de domínio público. Quando a verdade veio à tona, a reação das pessoas foi um choque ainda maior do que a possível morte de Julie.

²⁸ “Apparently he'd never expected the impersonation to succeed so dramatically. He thought he'd make a few contacts on-line, and maybe offer helpful advice to some women. What had happened instead was that he'd found himself deeply engaged in developing a whole new part of himself that he'd never known existed. His responses had long since ceased to be a masquerade; with the help of the on-line mode and a certain amount of textual prosthetics, he was in the process of becoming Julie (...) Not that he was losing his own identity but he was certainly developing a parallel one, one of considerable puissance.” (tradução minha)

Muitos se sentiram traídos, incrédulos ou “órfãos” de Julie, já que Lewin incrivelmente não se parecia com ela. Houve mulheres que disseram terem se sentido “estupradas” por terem aberto sua intimidade para alguém que achavam que existia. Houve, ainda, uns poucos amigos que perdoaram Lewin, embora pagando o preço de tentar esquecer que Julie um dia existiu.

Reproduzi, com detalhes, a história de Lewin/Julie porque a considero um tanto impressionante. O que aconteceu com Lewin, guardadas as devidas proporções, assemelha-se à experiência dos meus sujeitos no que diz respeito a esse “se sentir diferente” na Rede e fora dela.

Chama a atenção no caso de Lewin, a força que Julie assumiu em sua vida. Aparentemente, há uma certa expansão subjetiva de Lewin, na medida em que ele pôde agir de formas inteiramente novas quando usava o *nick* Julie. Além disso, no caso de Lewin, há também uma descontinuidade entre o criador e a criação. Isso aparece quando Lewin se vê impossibilitado de agir como Julie quando usa outro *nick*. Novamente, não creio que Lewin sentia-se fragmentado, ou que não reconhecia Julie como sendo parte dele. O que me parece importante é que, quando estava sob o *nick* de Julie, Lewin se sentia diferente de quando entrava na Rede com seu próprio nome.

Arrisco-me a dizer que meus sujeitos também apresentam esses sentimentos de expansão subjetiva que parecem ser característicos dessa multiplicidade. Essa expansão parece estar presente quando os sujeitos que entrevistei relatam poderem ser diferentes quando estão usando a Rede. Não necessariamente isso leva ao que chamei de descontinuidade no caso de Lewin. Estou chamando de sentimento de descontinuidade a incapacidade do sujeito agir tal qual ele age quando está usando determinado *nick*. Isso não ocorria com Sr. Mistério, que, como vimos acima, era capaz de se expandir na Rede, mas, depois, incorporava o que aprendia quando usava um *nick* para sua vida fora da Rede. Já Morpheus, outro entrevistado de minha pesquisa, parecia mais com Lewin. Morpheus criava inúmeros *nicks*, com diferentes características físicas e psicológicas. Através desses *nicks*, ele relatava que se sentia podendo ser como ele quisesse e, por isso, acreditava que a Rede era um lugar onde ele podia controlar cem por cento das variáveis. Ou seja, através de seus *nicks*, Morpheus tinha a sensação de que poderia fazer quase qualquer coisa. Isso certamente é uma sensação de expansão, mas também é de descontinuidade quando ele afirma que, fora da Rede, se vê num mundo onde só pode controlar “dez por

²⁹ “What do you do when your imaginary playmate makes friends better than you do?” (tradução

cento das variáveis”. Podemos inferir, portanto, que Morpheus não consegue levar para fora da Rede as formas de agir que apresenta quando usa seus *nicks*.

Em resumo, creio que a característica importante e que diz respeito à multiplicidade é essa expansão subjetiva que a Internet parece proporcionar. A descontinuidade me parece uma consequência possível dessa expansão, mas não necessariamente está presente em todos os casos ou todo o tempo.

Tanto alguns de meus entrevistados quanto a história de Lewin, contada por Stone, mostram características dessa expansão e também de descontinuidade. Os sujeitos entrevistados por Turkle também parecem apresentar essas características que considero típicas da multiplicidade. Em relação a Turkle, repito o emblemático depoimento de um de seus sujeitos, que diz:

“Eu divido a minha mente (...) Eu posso me ver como sendo dois ou três ou mais. E eu só ligo uma parte da minha mente e depois outra quando eu vou de janela a janela. (...) VR [vida real] é só mais uma janela e, geralmente, não é a minha melhor” (Turkle, 1997, p. 13 minha tradução)³⁰.

Esse sujeito, assim como Morpheus, parece ter uma vida *online* onde ele experimenta sensações de expansão através dessas “janelas” que ele abre na Internet. Também como acontece com Morpheus, é possível que haja uma descontinuidade entre as janelas da Internet e as janelas da vida fora da Rede. Isso fica claro quando ele diz que a vida real não é sua melhor janela, ou seja, que as janelas que abre na Rede são melhores.

Vimos, através dos exemplos que apresentei acima, que é possível fazer comparações entre as experiências de meus entrevistados, os entrevistados de Turkle e o caso relatado por Stone. Essas semelhanças dizem respeito, principalmente, a uma experiência de multiplicidade que a Rede parece proporcionar, quando permite que o sujeito aja na Internet de forma diferente, nova, em relação a como ele age quando está fora da Rede. Essa experiência de multiplicidade pode dar ao sujeito uma sensação de expansão subjetiva que pode vir acompanhada ou não de uma descontinuidade entre o que o sujeito vive na Rede e fora dela.

Apesar dessas semelhanças entre minha pesquisa e os achados de Turkle e Stone, ambas não falam de expansão subjetiva, tampouco de descontinuidade.

minha)

³⁰ “I split my mind (...) I can see myself as being two or three or more. And I just turn on one part of my mind and then another when I go from window to window (...) RL [real life] is just one more window, and it's not usually my best one.” (tradução minha)

É preciso, portanto, saber se o que considero uma experiência de multiplicidade equivale ao que Turkle e Stone dizem sobre os casos que relatam.

Turkle, ao estudar seus entrevistados, chega à conclusão de que o sujeito da atualidade possui múltiplos eus. Ou seja, para a autora, ao invés desse sujeito ter um eu único, ele tem vários eus que são semelhantes aos muitos *nicks* que um sujeito adota na Internet. Além da comparação com os *nicks*, Turkle também compara esses múltiplos eus ao transtorno de múltipla personalidade.

Stone não cria uma nomenclatura diferente para falar da multiplicidade. Ela, todavia, cita Turkle e aparentemente concorda com sua idéia dos múltiplos eus. O fragmento que reproduzo a seguir dá uma pista de linha de raciocínio de Stone:

“Julie, John (...) eles são exemplos maravilhosos da guerra entre desejo e tecnologia. Suas complexas identidades virtuais são intervenções reais e produtivas na nossa crença cultural de que a não identificada unidade social, além de ser branco e masculino, é um único eu em um único corpo. O ‘transtorno’ de múltipla personalidade é outra intervenção dessas.” (Stone, 1995, p. 75)³¹

No trecho citado, Stone menciona o que ela chama de problema do “único eu em um único corpo”. Esse problema, segundo ela, seria a assunção que a maioria das pessoas têm de que, se cada pessoa possui um corpo, isso também significa que ela possui um (e somente um) eu. Seria mais ou menos dizer que, quando pensamos em UMA pessoa, pensamos sempre também que ela tem UM corpo e UM eu. Segundo ela, isso é uma norma social não explicitada, que assumimos como verdadeira, mas que não necessariamente é verdadeira. Segundo Stone, a equivalência entre ser uma pessoa e ter um só eu em um só corpo seria tão absurda quando supor que é preciso ser homem e branco para ser considerado “pessoa”. Ou seja, de acordo com Stone, é possível que haja pessoas que tenham mais de um eu em um só corpo. Casos como o de Stanford Lewin, assim como o transtorno de múltipla personalidade, viriam mostrar essa possibilidade. Assim, apesar de Stone não ter escrito um livro propriamente acadêmico, ela comunga não só com a idéia dos múltiplos eus proposta por Turkle como também estabelece uma comparação entre esse eus com a múltipla personalidade.

A comparação entre o uso de *nicks online* e as múltiplas personalidades parece ser comum entre autores americanos. Aqui, apresentamos duas autoras

³¹ “Julie, John (...) they are wonderful examples of the war of desire and technology. Their complex virtual identities are real and productive interventions into our cultural belief that the unmarked

que trabalham com tecnologia e ciências humanas que estabelecem essa comparação. Creio, portanto, ser importante investigar um pouco mais a relação entre a multiplicidade e as múltiplas personalidades para avançar na discussão.

3.2. Multiplicidade e múltiplas personalidades

Começamos esta seção, dedicada às relações entre as múltiplas personalidades e a multiplicidade, com um outro trecho do livro de Stone. Nele, a autora diz:

“As perguntas para as questões colocadas previamente – por que o TMP [transtorno de múltipla personalidade]³² é tão importante para um exame da tecnologia de comunicação e se existe algum espaço para uma multiplicidade não-traumática nos contextos clínicos – são bem cobertas com o caráter protético da virtualidade. O espaço tecno-social dos sistemas virtuais, com sua qualidade lúdica irruptiva e seu potencial para experimentação e emergência, é um domínio da multiplicidade não-traumática.” (Stone, 1995, p. 60)³³

Neste trecho, parece-me que Stone, assim como Turkle, tenta vislumbrar algo de não patológico nas múltiplas personalidades. Em alguns momentos de seu livro, a autora suprime a palavra “transtorno” e utiliza somente múltiplas personalidades, para reforçar sua posição de que se deve começar a pensar nas múltiplas personalidades sem seu usual contorno patológico.

Ainda que se retire o prefixo “transtorno” das múltiplas personalidades, o fato é que há uma comparação entre essa categoria psiquiátrica e uma multiplicidade subjetiva. Para nos posicionarmos frente a essa comparação, é importante primeiro compreendermos um pouco o que vem a ser o transtorno de múltipla personalidade.

social unit, besides being white and male, is a single self in a single body. Multiple personality “disorder” is another such intervention.” (tradução minha)

³² Em inglês, utilize-se o termo “*multiple personality disorder*” que, muitas vezes, é traduzido por “distúrbio de múltipla personalidade” (o tradutor de Hacking; 2000, por exemplo, vai nesta linha). Os índices classificatórios DSM IV e CID 10, entretanto, tiveram o termo traduzido por “transtorno de múltipla personalidade” ao invés de “distúrbio”. Por esse motivo, ao longo do texto, refiro-me a transtorno e não a distúrbio. Ainda assim, vale ressaltar que somente o CID 10 mantém esse termo. O DSM IV a partir de 1994 substituiu “transtorno de múltipla personalidade” por “transtorno dissociativo de identidade”.

³³ “*The answers to the questions posed previously – why is MPD so important to an examination of communication technology, and is there room for nontraumatic multiplicity in clinical accounts – in fine are bound up with the prosthetic character of virtuality. The technosocial space of virtual systems, with its irruptive ludic quality and its potential for experimentation and emergence, is a domain of nontraumatic multiplicity.*” (tradução minha)

3.2.1. Definindo transtorno de múltipla personalidade

Começo com a definição clássica, retirada do DSM IV³⁴, (*Diagnostic and Statistical Manual for Mental Disorders* – APA, 2005). O “IV” indica que é a quarta revisão). Apesar de, no Brasil e no restante do mundo, utilizar-se mais o CID 10 (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde), que é editado pela Organização Mundial de Saúde, o DSM é um manual americano, publicado pela Associação Americana de Psiquiatria. Como veremos, o transtorno de múltipla personalidade é uma patologia praticamente exclusiva dos EUA, de forma que, minimamente podemos depreender que eles tenham condições de melhor defini-la. Já ressaltai em nota acima que, desde 1994, por razões que detalharei mais adiante, o DSM IV modificou o nome da patologia. O que era transtorno de múltipla personalidade agora aparece como “transtorno dissociativo de identidade (antigo transtorno de múltipla personalidade)”. Apesar disso, na literatura não-psiquiátrica, é mais comum encontrarmos o termo “transtorno de múltipla personalidade³⁵”.

De acordo com o DSM IV, portanto, há quatro critérios característicos do transtorno de múltipla personalidade:

“A característica essencial do Transtorno Dissociativo de Identidade é a presença de duas ou mais identidades ou estados de personalidade distintos (Critério A), que recorrentemente assumem o controle do comportamento (Critério B). Existe uma incapacidade de recordar informações pessoais importantes, cuja extensão é demasiadamente abrangente para ser explicada pelo esquecimento normal (Critério C). A perturbação não se deve aos efeitos fisiológicos diretos de uma substância ou de uma condição médica geral (Critério D).” (APA, 2005)

Em resumo, para o DSM IV, uma pessoa pode ser diagnosticada como portadora do “transtorno dissociativo de identidade” se, sem nenhum tipo de droga ou condição clínica justificável, ela apresentar uma ou mais identidades distintas. Tais identidades assumem o controle da vida da pessoa, que também apresenta grandes lapsos de memória.

Além de atentar para os critérios de diagnóstico do transtorno de múltipla personalidade, atentemos também para o uso de certas palavras em detrimento de outras. Para esta análise, recorro a Hacking (2000). Hacking é professor

³⁴ Neste texto, utilizarei tanto DSM quanto DSM IV. Quanto utilizo somente DSM, refiro-me ao Manual de modo geral. DSM IV refere-se especificamente à quarta revisão do manual, datada de 1994 (APA, 2005), em que algumas modificações foram feitas, inclusive em relação ao transtorno de múltipla personalidade. As versões anteriores ao DSM IV são o DSM III (APA, 1980) e o DSM III-R (APA, 1987).

³⁵ Por se tratar da terminologia mais comum, optei por utilizar, ao longo do texto, “transtorno de múltipla personalidade”.

universitário de Filosofia no Canadá e escreveu o livro **Múltipla Personalidade e as Ciências da Memória**, que ganhou um prêmio da Sociedade Internacional para o Estudo das Dissociações e atualmente é uma das principais referências sobre a múltipla personalidade.

Em seu minucioso trabalho sobre as múltiplas personalidades e a memória, Hacking comparou a versão do DSM anterior (DSM III-R, de 1987) com a atual (de 1994), ressaltando alguns aspectos importantes em relação a novas terminologias adotadas. Uma das patologias que sofreram alterações no DSM IV foi o transtorno de múltipla personalidade que, inclusive, passou a se chamar transtorno dissociativo de identidade, como disse acima.

Em relação a essa troca de terminologias, uma das discussões travadas pelo DSM IV dizia respeito a palavra “distúrbio” (na versão brasileira, “transtorno – ver nota 32) contida no antigo transtorno de múltipla personalidade. Apesar do DSM IV ter optado por não suprimir “distúrbio” [transtorno] do termo, Hacking apresenta algumas oposições à palavra:

“Minha própria neutralidade faz com que eu tenha cuidado até com o nome do tópico que estamos discutindo. Os nomes organizam nossos pensamentos. Entre 1980 e 1994 o diagnóstico oficial era ‘Distúrbio [transtorno] de Múltipla Personalidade’. (...) Falarei sobre a múltipla personalidade, mas raramente direi ‘distúrbio [transtorno] de múltipla personalidade’. Em parte porque desconfio da palavra ‘distúrbio’ [transtorno]. (...) A verdade, a pessoa verdadeira, fica distorcida com a desordem (ou o distúrbio). (...) Há aqueles que protestam ativamente contra a palavra ‘desordem’ para a múltipla personalidade. Esses radicais sugerem que talvez todos nós sejamos realmente múltiplos. Alguns clínicos foram quase até aí, e ouve-se a mesma coisa em alguns grupos de apoio ao paciente.” (Hacking, 2000, p. 26-7)

O uso da palavra “transtorno”, contudo, não foi o maior problema que o DSM encontrou em sua revisão de 1994. Até porque, como observamos acima, da antiga terminologia, “transtorno” foi a única palavra mantida. Uma das trocas que o novo DSM fez foi substituir “personalidade” por “identidade”, dadas as críticas que o termo “personalidade” recebeu. Conforme informa Hacking:

“Outra palavra que atraiu ainda mais crítica que ‘distúrbio’ [transtorno] foi a palavra ‘personalidade’. Na verdade, a expressão ‘distúrbio [transtorno] de múltipla personalidade’ caiu em desuso. A expressão oficial do DSM IV, de 1994, é ‘distúrbio de identidade dissociativa (anteriormente distúrbio de múltipla personalidade)’. A personalidade foi colocada entre parêntesis.” (Hacking, 2000, p. 27)

Um dos motivos que levou o DSM a suprimir “personalidade” do “transtorno de múltipla personalidade” foi a idéia de que uma pessoa poderia ter muitas personalidades parecia errôneo. Nesse sentido, o DSM vai contra a noção de mais de um eu em um corpo. De acordo com David Spiegel,

apresentado por Hacking como “presidente do comitê de distúrbios dissociativos para o DSM IV de 1994” (Hacking, 2000, p. 28),

“(…) há um grande mal-entendido quanto à psicopatologia essencial do distúrbio dissociativo, que é uma falta de integração de vários aspectos da identidade, memória e consciência. O problema não é ter mais de uma personalidade, mas ter menos de uma.” (Spiegel, citado por Hacking, 2000, p. 28)

A partir do trecho citado acima, pode-se concluir que, para o DSM IV, talvez o termo “transtorno de múltipla personalidade” fosse enganoso. Isso porque, como ressalta Spiegel, o DSM IV não acredita que de fato existam múltiplas personalidades no transtorno de múltipla personalidade. Não acredita sequer que haja uma personalidade completa. Ou seja, ao que parece, o DSM IV considera que, no transtorno de múltipla personalidade, há uma falta de integração de diferentes aspectos do eu, segundo eles, aspectos que dizem respeito à identidade do sujeito, à sua memória e à sua consciência. Nas pessoas, de modo geral, haveria uma integração entre esses três aspectos do eu que não existiria no transtorno de múltipla personalidade. Justamente para marcar a idéia de que o que existe neste transtorno é um problema de integração que o nome passou a ser “transtorno dissociativo de identidade”, ou seja, ele sugere mais uma separação, uma desagregação e, portanto, uma falta de integração, e não uma multiplicidade do que quer que seja.

Essa crença do DSM IV de que não se trata de várias personalidades em um só corpo fica mais explícita quando Hacking lembra que, no DSM III-R (1987), um dos critérios diagnósticos do transtorno de múltipla personalidade era a “existência” de mais de um estado de personalidade. Como podemos verificar na citação da DSM IV acima, agora se fala em “presença” de mais de um estado de personalidade, ao invés de “existência”. Spiegel, citado por Hacking, explica a diferença entre as duas palavras:

“O DSM IV exigia a existência de mais de uma personalidade ou estado de personalidade. Em 1994 foi exigida apenas a presença. Qual a diferença entre existência e presença? Spiegel explicou: ‘Sentimos que a existência acarreta uma crença de que há realmente doze pessoas, quando na verdade o que queremos registrar é que elas próprias se sentem assim.’” (Hacking, 2000, p.30)

Nessa sutil modificação, muito do sentido foi alterado. A ênfase não recai sobre a crença de que há, de fato, muitas personalidades, ou muitos eus, em jogo no transtorno de múltipla personalidade. A idéia é a de que quem sofre do transtorno tem a experiência das múltiplas personalidades, ou seja, tem lapsos de memória, age como se fosse mais de uma pessoa, etc. Isso não significaria,

todavia, que de fato há mais de uma personalidade dentro de si. Essa noção que o DSM quer passar não necessariamente é consensual.

Turkle, por exemplo, quando se refere aos múltiplos eus e também Stone, quando questiona a norma “um eu-um corpo”, parecem estar em desacordo com a definição do DSM IV. Hacking, em citação acima, lembra que a retirada da palavra “transtorno”, faz com que possamos pensar que, na verdade, todos podemos ser múltiplos. Os membros das associações de pacientes que sofrem de múltiplas personalidades, geralmente se auto-intitulam simplesmente de “múltiplos”. Além disso, como também afirmou Hacking, a escolha das terminologias é muito importante. Podemos pensar que não é por acaso que, mais de dez anos depois do DSM IV ter trocado o nome do transtorno de múltipla personalidade, esse termo continue sendo mais usado do que “transtorno dissociativo de identidade”. Voltaremos a esse aspecto mais tarde. Agora, passemos a mais uma característica do transtorno de múltipla personalidade.

3.2.2. “Made in USA”

Saindo da questão das terminologias, passemos a um dado demográfico do transtorno de múltipla personalidade. De acordo com o DSM IV, no que se refere à incidência demográfica da doença, “foi sugerido que as taxas relativamente altas do transtorno recentemente relatadas nos Estados Unidos poderiam indicar que esta é uma síndrome específica à cultura.” (APA, 2005)

O DSM IV não revela se considera ou não que o transtorno de múltipla personalidade é uma síndrome específica à cultura. O fato de a localização restrita do transtorno de múltipla personalidade ser mencionada pelo DSM IV mostra, todavia, que essa é uma questão importante.

Para dar um exemplo pouco acadêmico da localização do transtorno de múltipla personalidade, em 1º de agosto de 2005, realizei algumas pesquisas no site de buscas da Internet chamado *Google*. Ao digitar “*multiple personality disorder*”, encontrei 152.000 resultados no *Google*. Para “*dissociative identity disorder*”, apareceram 91.900 entradas. Já quando passava para o francês, em “*personnalité multiple*”, o número caiu para 3.460 e em “*trouble dissociatif de l'identité*” encontrei 3.440 entradas. Em português, esse número chegou a 49 entradas para “transtorno de múltipla personalidade” e 46 para “transtorno dissociativo de identidade”.

As três línguas que utilizei na “pesquisa” ao *Google* não foram escolhidas por acaso. O inglês foi incluído por ser a língua dos EUA, que são o lugar privilegiado da patologia³⁶. O português, também pelo óbvio motivo de ser a língua materna de nosso país, onde realizei minha pesquisa de campo. O francês, menos óbvio, foi incluído porque, como veremos, a França faz parte da história do transtorno de múltipla personalidade. Para tentar entender a quase exclusividade do transtorno nos EUA, vejamos a história da múltipla personalidade. Conforme informa Hacking, essa história começa na França. Em suas próprias palavras:

“Quando a múltipla personalidade entrou em cena? (...) no dia 27 de julho de 1885. Na tarde desse dia, Jules Voisin, (...) médico proeminente do Bicêtre, o asilo parisiense para homens, descreveu um paciente que esteve sob seus cuidados de agosto de 1883 a 2 de janeiro de 1885. Seu nome era Louis Vivet. (...) No final de fevereiro de 1885 [Vivet] foi internado no hospital militar de Rochefort e foi atendido por Bourru e Burot. Em julho de 1885 Bourru relatou um fenômeno inteiramente novo nos anais da psiquiatria. Vivet tinha oito estados distintos de personalidade. (...) Nossa expressão, ‘múltipla personalidade’, apareceu impressa na Inglaterra um ano depois, explicitamente para descrever Louis Vivet.” (Hacking, 2000, p. 188-9)

Como podemos observar no trecho acima, o termo múltiplas personalidades apareceu pela primeira vez no século retrasado. De acordo com Hacking, todavia, a grande onda de múltiplas personalidades na França ocorreu ainda antes, a partir do final da década de 1870. Essa onda não durou muito tempo. “Na verdade, a onda francesa de múltiplos parou quase completamente em 1910” (Hacking, 2000, p. 149), diz Hacking. O autor explica que a razão pela qual a múltipla personalidade teria desaparecido da França é a de que, neste país, as pessoas que sofriam de múltipla personalidade eram consideradas histéricas. Assim, houve uma espécie de “colagem” da histeria e do transtorno de múltipla personalidade. Hacking afirma que, entre os anos 1895 e 1910, houve um desinteresse por parte da psiquiatria francesa pela histeria e que isso, conseqüentemente, estendeu-se ao transtorno de múltipla personalidade.

A histeria, entretanto, continua sendo uma patologia que recebe muita atenção na França. Esse fato não fez, porém, com que lá houvesse um reaparecimento das múltiplas personalidades. O desinteresse momentâneo pela histeria explicaria somente em parte a saída das múltiplas personalidades da cena clínica francesa.

³⁶ É óbvio que, sendo o inglês a primeira língua mundial, era de se esperar que houvesse mais referências aos termos nesta língua do que nas outras. O que chama a atenção, entretanto, e que a meu ver não pode ser explicado somente pela dominação da língua inglesa, é o pequeno número de referências aos termos em francês e em português.

Após seu desaparecimento da França nos anos de 1910, o transtorno de múltipla personalidade parecia de fato não mais existir. Até que, por volta dos anos de 1970, volta-se a falar dele, mas agora em outro continente: na América do Norte, mais especificamente, nos Estados Unidos. Sobre esse reaparecimento, Hacking afirma:

“Desde 1982 os psiquiatras falam sobre ‘a epidemia da múltipla personalidade’. A múltipla personalidade (...) só se tornou um diagnóstico oficial da Associação Americana de Psiquiatria em 1980. (...) Dez anos antes, em 1972, a múltipla personalidade parecia ser uma mera curiosidade. ‘Menos de uma dúzia de casos foi relatada nos últimos cinquenta anos’. Dez anos depois, em 1992, havia centenas de múltiplos em tratamento em qualquer cidade de tamanho médio da América do Norte.” (Hacking, 2000, p. 17)

Algo inusitado aconteceu. De “mera curiosidade”, o transtorno de múltipla personalidade, em 20 anos, passou a ser uma epidemia nos Estados Unidos. Mais importante, passou a ser uma epidemia única e exclusivamente nesse país, dado que no resto do mundo a múltipla personalidade continua sendo um transtorno que praticamente só existe nos manuais de psiquiatria.

Esse fato intriga não só estrangeiros, mas também americanos. Stone (1995) conta que alguns psiquiatras americanos consideram o transtorno de múltipla personalidade um “hoax”, ou seja, uma farsa, uma lenda. Segundo Stone, outros ainda afirmam que o transtorno é o “OVNI” da psiquiatria americana, ou seja, que haveria um reduzido número de pessoas que afirma tratar de muitas pessoas com transtorno de múltipla personalidade, mas que, a grande maioria, nunca recebeu um paciente sequer que pudesse receber tal diagnóstico.

Hacking não chega a ser tão radical em relação às múltiplas personalidades. Em seu livro, toma o cuidado de questionar alguns aspectos em relação ao transtorno de múltipla personalidade sem, contudo, se posicionar como crente ou descrente de sua existência. Aqui, destaco duas explicações que ele dá para essa “epidemia” de múltiplas personalidades nos Estados Unidos. A primeira é bastante simples e diz respeito à formação dos profissionais que costumam diagnosticar pacientes como portadores de múltiplas personalidades. Como afirma Hacking:

“Muitos clínicos não possuem o curso de mestrado ou doutorado em psicologia, têm outra credencial: possuem mestrado em serviço social, qualificação em enfermagem, ou são pessoas que fizeram cursos de regressão de memória em fins de semana e que, a rigor, não são qualificadas.” (Hacking, 2000, p. 19)

A julgar pela citação acima, poderia haver muitos casos erroneamente classificados como transtorno de múltipla personalidade por conta de uma

formação precária de alguns clínicos americanos. Essa é, entretanto, apenas uma das razões apresentadas por Hacking para a “epidemia” de múltipla personalidade nos Estados Unidos. A questão fundamental que o autor apresenta para essa “epidemia” é, no entanto, de ordem mais complexa do que a formação dos clínicos americanos. Ela tem a ver com a suposta causa da múltipla personalidade. Passemos, então, a esse que é nosso próximo item de discussão.

3.2.3. O transtorno de múltipla personalidade e o abuso infantil: uma causalidade?

O transtorno de múltipla personalidade, diferentemente de outras categorias clínicas, parece ter uma causa específica. No DSM IV, essa causa é apresentada com cautela, como podemos ver no trecho abaixo:

“Os indivíduos com Transtorno Dissociativo de Identidade freqüentemente relatam a experiência de severo abuso físico e sexual, especialmente durante a infância. A acuidade desses relatos está envolta em controvérsias, porque as recordações da infância podem estar sujeitas a distorções e os indivíduos com este transtorno tendem a ser altamente hipnotizáveis e especialmente sugestionáveis. Por outro lado, os responsáveis pelos atos de abuso físico e sexual podem inclinar-se a negar ou distorcer seu comportamento.” (APA, 2005)

Na citação acima, o DSM IV revela um impasse acerca da causalidade do transtorno de múltipla personalidade. Parece, entretanto, que o DSM IV é menos enfático na questão do abuso infantil do que podemos pensar a partir de Hacking diz. Ele, em um capítulo intitulado “Abuso Infantil” mostra o crescimento da obsessão americana por este tema e relaciona tal crescimento à chamada “epidemia” do transtorno de múltipla personalidade.

Sobre o abuso infantil, parece que, ou a sociedade americana é composta de muitos pais que abusam de seus filhos, ou há um olhar tão voltado para o tema que não permite diferenciar fantasias infantis de eventos realmente ocorridos. Em muitos trechos do livro de Hacking, ele cita autores que recorrem a Freud (1896/1969) e sua célebre “Teoria da Sedução” para tratar do abuso infantil.

Para relembrar sucintamente a teoria da sedução, precisamos retroceder no tempo e voltar a Freud e ao início de seus estudos sobre a histeria. Na época começando suas investigações sobre a histeria, Freud buscava um trauma que pudesse justificar os sintomas de suas pacientes. Ele incentivava suas pacientes a lembrarem de acontecimentos da infância na busca desse evento traumático. À medida que suas pacientes iam lembrando de momentos esquecidos na

infância, com frequência relatavam terem sido seduzidas sexualmente por um adulto próximo da família, um tio ou o próprio pai. Inicialmente, Freud acreditou que a sedução de fato ocorria, ou seja, que suas pacientes haviam sofrido algum tipo de abuso sexual cometida por pessoas próximas. Freud concluiu que essa sedução ocorrida na infância das pacientes era o trauma que geraria seus futuros sintomas histéricos.

Tempos depois, no entanto, após ouvir muitas histéricas relatarem terem sido seduzidas na infância, Freud questionou sua própria tese. Ele começou a estranhar a existência de tantos parentes que seduziam crianças, conforme relatavam suas pacientes. A importante conclusão a que Freud chegou foi a de que, na maioria dos casos, a sedução era uma interpretação ou uma fantasia da paciente histérica. Para a paciente, essa sedução tinha a força e a vivacidade de uma experiência de fato vivida, mas, na maior parte dos casos, tratava-se de uma fantasia. Freud, após chegar a essa conclusão, abandonou a teoria da sedução.

Essa teoria, no entanto, vem sendo de alguma forma retomada por autores americanos. Hacking menciona vários deles que criticam Freud justamente por não ter acreditado que suas pacientes eram de fato seduzidas e ter acabado abandonando a teoria da sedução. Para tais autores, tanto na época de Freud quando atualmente, há um grande número de abusadores infantis nas famílias ocidentais.

Como o abuso infantil é apontado como uma causa quase que determinante do transtorno de múltipla personalidade, a conclusão de Hacking é que “só uma sociedade preparada para reconhecer que a violência em família existe por todo o lado poderia encontrar múltiplas personalidades por todo lado.” (Hacking, 2000, p. 18)

O fato de o transtorno de múltipla personalidade ter uma causa tão específica merece atenção. A maioria dos transtornos encontrados no DSM IV e na CID 10 não possuem uma causalidade única e certa. Geralmente, são apontadas diversas causas possíveis para determinado transtorno, ou seja, é muito incomum acontecer, como nas múltiplas personalidades, de um transtorno ter uma causa tão precisa, salvo estados ocasionados por intoxicações, geralmente de drogas.

Além da causalidade e das características que apresentei acima, ainda há uma última característica que gostaria de ressaltar sobre o transtorno de múltipla personalidade. Vamos a ela.

3.2.4. Algumas palavras sobre gênero

O último aspecto do transtorno de múltipla personalidade que gostaria de ressaltar é a incidência da doença sobre o gênero feminino. Novamente, no DSM IV, encontramos que “O Transtorno Dissociativo de Identidade é diagnosticado três a nove vezes mais freqüentemente em mulheres adultas do que em homens adultos” (APA, 2005). Hacking ainda é mais radical ao afirmar a incidência do transtorno em mulheres. Segundo ele, “nove entre dez pacientes que tiveram diagnóstico de distúrbio de múltipla personalidade eram mulheres. (...) Na grande onda de múltiplos ocorrida na França, todos eles [múltiplos] eram, mais que tudo, grandes histéricos.” (Hacking, 2000, p. 81)

Na frase de Hacking não só há a constatação de que a grande maioria das pessoas que recebem o diagnóstico de múltipla personalidade são mulheres, mas também há uma comparação com a histeria. Podemos, então, destacar basicamente três comparações entre as duas categorias clínicas: a primeira, explicitada anteriormente, é a fusão na França no final do século XIX, entre a histeria e o transtorno de múltipla personalidade. A segunda é a adoção literal da teoria da sedução de Freud, teoria essa sabidamente construída a partir das observações de suas pacientes histéricas. A terceira é o gênero, já que a histeria também é uma patologia feminina por excelência. Essas semelhanças poderiam nos levar a discutir se, de fato, o transtorno de múltipla personalidade existe ou se é, na verdade, uma manifestação histérica, conforme diziam os franceses. Essa discussão, no entanto, é muito ampla e foge ao objeto do meu estudo, de forma que somente deixarei apontadas aqui essas semelhanças sem me aprofundar na questão.

Encerro aqui a descrição do transtorno de múltipla personalidade. Escolhi destacar suas características, sua localização, sua causa e seu gênero mais típicos, pois esses são os principais aspectos que envolvem as múltiplas personalidades. Percorrendo cada um desses elementos do transtorno de múltipla personalidade, procurei também levantar as inúmeras questões que envolvem esse diagnóstico. Isso foi feito para que possamos, agora, discutir a aproximação entre os múltiplos eus descritos por Turkle e o transtorno de personalidade múltipla.

3.2.5. Comparando o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus

Para discutir as relações entre o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus, novamente recorrerei a um caso relatado por Stone (1995).

No segundo capítulo de seu livro, Stone conta a história de Sarah, que no conservador estado de Wisconsin, mais especificamente em Oshkosh, abriu um processo criminal contra Peterson, acusando-o de estupro. A peculiaridade deste caso reside no fato de que Sarah tinha o diagnóstico de transtorno de múltipla personalidade. De acordo com Stone, o estupro que Sarah dizia ter sofrido teria sido uma relação sexual consentida entre Peterson e Franny, uma personalidade de Sarah.

Stone relata que Peterson, assim como quase toda sua vizinhança, tinha conhecimento de que Sarah possuía transtorno de múltipla personalidade. Para Sarah, Peterson teria se aproveitado do fato dela ter múltiplas personalidades, pois sabia que não estava tendo relações sexuais com Sarah, mas com Franny, uma de suas personalidades.

A discussão que caso provocou era a seguinte: Sarah teria sido realmente estuprada? Ou, ao contrário, deveria assumir a responsabilidade do ato de sua personalidade Franny, que consentiu a relação sexual e, portanto, não “se considerava” estuprada? O desfecho desse caso, que causou grande comoção nos Estados Unidos foi a condenação de Peterson.

Isso porque, de acordo com as leis de Wisconsin, qualquer relação sexual mantida com alguém “portador de doença mental” pode ser considerada estupro. Assim, podemos inferir que, mesmo que a própria Sarah tivesse mantido relações sexuais consentidas com Peterson, ele poderia ser condenado, já que ela sofre de transtorno de múltipla personalidade. Se Sarah tivesse um retardo mental, fosse esquizofrênica, ou possuísse qualquer outro diagnóstico que a enquadrasse na categoria “portadora de doença mental”, o resultado seria, provavelmente, o mesmo.

Neste caso, Stone descreve seu próprio incômodo com a condenação de Peterson. Para Stone, ao levar a sério a palavra “transtorno” no transtorno de múltipla personalidade, o caso se resolveu da maneira mais simples. Nesse ponto, Stone tem razão. Ao julgar Sarah como “portadora de doença mental”, Wisconsin se eximiu de tratar de assuntos relativos à responsabilidade que Sarah poderia ou não assumir pelo ato de uma de suas personalidades.

O ponto a que Stone chega, entretanto, é pensar em como se pode discutir as múltiplas personalidades sem pensar no raciocínio de causalidade por trás delas e, conseqüentemente, sem patologizá-las.

No capítulo anterior, critiquei a tentativa de Turkle de falar do transtorno de múltipla personalidade descartando o conteúdo patológico que o termo “transtorno” carrega. Como afirmei antes, não é possível utilizar uma patologia como exemplo destacando apenas características “neutras” dela, jogando fora a patologia em si.

Essa crítica que fiz, todavia, não se restringia ao transtorno de múltipla personalidade, mas a qualquer tentativa de utilizar uma patologia para descrever um modelo de subjetividade a princípio não-patológico. Tanto que a crítica não recaiu somente sobre Turkle, mas também sobre Jameson (1997), que faz algo semelhante com a esquizofrenia.

No caso específico do transtorno de múltipla personalidade, contudo, o problema de ele servir de inspiração para a descrição dos múltiplos eus vai além do fato do transtorno de múltipla personalidade ser uma patologia e os múltiplos eus não. Na verdade, o maior problema é que, quanto mais nos aprofundamos nas características do transtorno de múltipla personalidade, encontramos menos semelhanças entre ele e os múltiplos eus. Para visualizarmos melhor as diferenças entre o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus, voltemos às características do transtorno.

Uma das características do transtorno de múltipla personalidade que ressaltai foi sua incidência geográfica. Como vimos, o transtorno de múltipla personalidade surgiu na França por volta de 1870 como um tipo de histeria. Em 1910 quase já não se ouvia falar na doença. Um século depois de seu aparecimento na França ele aparece nos EUA, como um diagnóstico próprio, ou seja, sem a relação com a histeria. Na década de 1990, o transtorno parece atingir níveis altíssimos, quase epidêmicos segundo Hacking. A curiosidade é que isso só ocorreu nos EUA. No restante do mundo, o transtorno de múltipla personalidade continua sendo quase folclórico.

Sobre os múltiplos eus descritos de Turkle, na medida em que ela relata história de americanos, não haveria muito problema na comparação com o transtorno de múltipla personalidade. Isso se, de fato, a multiplicidade que os usuários de *chats* parecem experimentar também fosse restrita aos EUA. Não podemos esquecer, no entanto, que minha pesquisa e tantas outras foram levadas a cabo em outras partes do mundo, onde o transtorno de múltipla personalidade praticamente não existe. Os relatos dos sujeitos de Turkle e dos

meus são muito parecidos. Em um mundo cada vez mais globalizado, é difícil aceitar a comparação de um fenômeno que extrapola as fronteiras de um país – a multiplicidade experimentada pelos usuários de *chats*, por exemplo – com algo tão circunscrito como o transtorno de múltipla personalidade.

Outra característica que destaquei foi a causalidade. O transtorno de múltipla personalidade é um dos poucos na psiquiatria que parece ter uma causalidade específica. Acredita-se que a causa para o aparecimento do transtorno de múltipla personalidade esteja intimamente relacionada ao abuso sexual na infância.

Em relação a esse tópico, é óbvio que nem Turkle tampouco Stone acreditam que os sujeitos com múltiplos eus tenham sido sexualmente molestados na infância. Essa é parte patológica do transtorno, rótulo do qual as autoras procuram escapar. De qualquer modo, é mais uma diferença importante entre o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus.

Há também questão do gênero. O transtorno de múltipla personalidade atinge muito mais mulheres do que homens, em cada dez portadores do transtorno, nove são mulheres. Isso também não parece acontecer com os sujeitos com múltiplos eus descritos por Turkle. Turkle e Stone, em momento algum, mencionam qualquer diferença de gênero. Na pesquisa de Turkle foram entrevistados tanto homens quanto mulheres. O mesmo acontece em minha pesquisa. Na verdade, nela havia até mais entrevistados do sexo masculino (10, contra 6 do sexo feminino).

As características mais importantes do transtorno de múltipla personalidade, todavia, deixei para o final. Essas são aquelas que talvez pudessem ter mais identificações com os múltiplos eus de Turke. Vamos a elas.

De acordo com o DSM IV, o transtorno de múltipla personalidade acontece quando duas ou mais identidades que assumem o controle da vida do sujeito. No momento em que essas identidades tomam o sujeito, ele não tem consciência do que faz, ocorrendo assim lapsos de memória.

Sobre essas características, poderíamos pensar, em um primeiro momento, que a semelhança entre o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus está justamente na presença de duas ou mais identidades. É isso que Turkle parece imaginar quando fala de múltiplos eus e que Stone complementa quando se diz contrária à tese de que em cada corpo humano há somente uma personalidade.

Se assumirmos essa semelhança, ainda assim no caso dos múltiplos eus, por mais que um *nick* criado em um *chat* possa vir a causar desconforto para o

sujeito que a criou, Turkle não relata nenhum caso em que qualquer uma desses *nicks* assume o controle da vida do sujeito. Na literatura não encontrei qualquer coisa a esse respeito. Tampouco um usuário de *chat* tem lapsos de memória quando está incorporando determinado *nick*. Pelo contrário, ele tem a consciência de que é ele quem cria aquele *nick*, por mais que muitas vezes possa se surpreender com suas próprias atitudes no *chat*.

Como se não bastassem todas as diferenças entre o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus, ainda há um problema principal. A suposta semelhança entre eles, ou seja, a existência de mais de uma identidade em cada sujeito, é uma falsa semelhança. Isso porque se lembrarmos de Spiegel, do comitê do DSM IV, veremos o quanto ele considerava errôneo considerar que havia mais de uma personalidade em uma pessoa no transtorno de múltipla personalidade. Para ele, por mais que a pessoa pudesse ter sintomas que levassem alguém a pensar que ela tivesse muitas personalidades dentro de si, isso não ocorria de fato. Na verdade, para Spiegel, o transtorno acarreta em uma dissociação entre aspectos da personalidade. Assim, para ele a característica do transtorno de múltipla personalidade não era ter muitas personalidades dentro de si, mas ter uma personalidade tão rudimentar que talvez não pudesse sequer ser UMA personalidade inteira.

A partir dessa nova explicação de Spiegel, concluímos que a única semelhança que poderia ser destacada entre o transtorno de múltipla personalidade e os múltiplos eus também cai por terra. Essa é a conclusão a que cheguei após a investigação sobre as múltiplas personalidades e que apresento abaixo. A partir daí, também posso chegar a algumas poucas conclusões sobre o que os usuários de *chat* experimentam e que me recuso a chamar de múltiplos eus.

3.3. Algumas conclusões sobre a multiplicidade e os múltiplos eus

O problema que se apresenta agora é se a multiplicidade a qual me refiro em minha pesquisa equivale aos múltiplos eus de Turkle e Stone.

Ao que me parece, o caminho dos múltiplos eus pode vir a ser tão espinhoso quanto ao das múltiplas personalidades. A começar pelo fato de que há uma explícita comparação entre os dois termos. Como, todavia, tentei explicar acima, há muito mais diferenças entre os termos do que a simples presença ou ausência do prefixo “transtorno”. Tentar tirar o caráter patológico intrínseco ao transtorno de múltipla personalidade não torna a comparação mais

fácil. Ao contrário, mesmo a multiplicidade envolvida no transtorno de múltipla personalidade é muito diferente da multiplicidade dos múltiplos eus. Isso porque, como vimos, o DSM IV, a partir de 1994, retira os termos “múltiplo” e “personalidade”, justamente na tentativa de se afastar da idéia de muitas personalidades em uma só pessoa. Os movimentos, portanto, parecem ser contrários: ao passo que o DSM IV talvez aposte em uma personalidade mais rudimentar e, nesse sentido, MENOS do que UMA personalidade, Turkle e Stone apostam na multiplicação dos eus.

Se, portanto, os múltiplos eus, que são definidos a partir do transtorno de múltipla personalidade, não são tão parecidos assim com a patologia, como se pode defini-los? Acredito que a pista dada por Spiegel pode ser proveitosa, embora não esteja preparada para responder com propriedade a essa questão.

O que considero uma “pista” dada por Spiegel é a diferença que a DSM IV faz entre “existência” e “presença” de estados distintos de identidade no transtorno de múltipla personalidade. Conforme ele explica, “existência” implica na crença de que “realmente” se acredita que há mais de uma personalidade naquele corpo. Já a “presença” é uma sensação de que a pessoa que sofre do transtorno tem mais de uma pessoa realizando ações em sua vida.

Se eu pudesse comparar os múltiplos eus com o transtorno de múltipla personalidade, essa sutileza entre presença e existência seria o que eu provavelmente destacaria. Isso porque, assim como pode ocorrer no transtorno de múltipla personalidade, há uma diferença grande entre dizer que há múltiplos eus e dizer que o sujeito experimenta a sensação de possuir muitos eus.

Ao afirmar a existência de múltiplos eus, muitas perguntas não podem ser respondidas a contento (pelo menos até agora). O primeiro problema que podemos destacar (e que já mencionei no capítulo anterior) é o da gerência desses eus. Na Internet, por exemplo, por mais que Stanford Lewin, o psiquiatra travestido citado por Stone, pudesse se sentir diferente quando era Julie, ainda assim, se o telefone tocasse ou se ele recebesse um chamado de emergência no hospital, Julie jamais tomaria o lugar de Lewin. Que múltiplos eus são esses se eles são controlados por um único eu? Há uma espécie de hierarquia entre os eus? Há um “eu” principal?

Além disso, se pudessem existir vários eus sem alguma hierarquia, em algum momento o sujeito fatalmente precisaria experimentar vivências de fragmentação, que tanto os esquizofrênicos quanto aqueles que sofrem de transtorno de múltipla personalidade apresentam. Até o momento, a não ser

nesses casos de patologia, não encontrei registros desses sentimentos em usuários da Internet, por exemplo, por mais *nicks* que eles possam fazer uso.

Parece-me, entretanto, que dizer que os sujeitos podem ter uma experiência de multiplicidade bastante interessante. Acredito que pode ser isso que Stanford Lewin tenha vivido, assim como acredito que pode ser essa a experiência dos sujeitos que entrevistei pela Internet.

Não penso, todavia, que se sentir, por algum período de tempo, múltiplo, ou seja, ter a sensação de poder agir de diversas formas quando se está na Rede é pouco. Certamente é menos do que ter múltiplos eus. Lembremos, porém, que nossos sentimentos e a imagem que fazemos de nós mesmos fazem parte de nossa constituição subjetiva. Apesar de ainda não ter elementos para afirmar onde isso tudo vai parar, acredito que essa multiplicidade que meus sujeitos vivem é uma forma nova de se ver no mundo e que isso ainda precisará de muito caminho para se chegar a uma idéia conclusiva.

Neste capítulo, como era de se esperar, cheguei a poucas conclusões. A primeira delas diz respeito à comparação entre múltiplos eus e transtorno de múltipla personalidade. Acredito que tal comparação é motivada pela incidência do transtorno nos EUA, país em que Stone e Turkle residem. Conforme tentei explicitar acima, contudo, considero tal comparação equivocada, em primeiro lugar devido as controvérsias ao redor do transtorno, o que já torna a definição dele por si só difícil, quanto mais sua comparação com outra coisa. A esse fato soma-se o de que, ainda que não houvesse problemas de definição no transtorno de múltipla personalidade, ao olharmos mais de perto, há muito mais diferenças do que semelhanças entre ele e os múltiplos eus.

A outra conclusão a que chego ao final desse capítulo é que há uma diferença entre o que acredito ser a multiplicidade experimentada pelos sujeitos de minha pesquisa e os múltiplos eus. Como ressaltai acima, o conceito dos múltiplos eus me parece controverso e com pouca possibilidade de se sustentar teoricamente. Apesar disso, para utilizar as palavras de Gonçalves, parece que a “subjetividade concreta” dos sujeitos da minha pesquisa é semelhante à “subjetividade concreta” dos sujeitos da pesquisa de Turkle.

No próximo capítulo, examinarei uma possibilidade que a Internet traz para o sujeito: a do brincar. Não me refiro aqui, contudo, ao que usualmente chamamos de brincar, mas sim ao conceito de brincar de D. W. Winnicott. Como veremos, Winnicott, com seus conceitos de brincar e de espaço potencial, servirá de inspiração para as reflexões que se seguem.